

## Um mundo de aproximações geográficas com a obra de Chico Buarque: música, linguagem e pensamento geoespacial

Carolina Machado Rocha Busch Pereira <sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo aborda a potência da canção de Chico Buarque para uma leitura geográfica do cotidiano a partir do lugar, da paisagem e do mundo. O presente artigo apoia-se na ideia de que um ensino eficaz é aquele que cumpre com a função de formar um cidadão e desenvolver no estudante a capacidade crítica que lhe permita ter um pensamento livre, ético e responsável. A educação geográfica tem a tarefa, dentre outras funções, objetivos e metas, de proporcionar uma leitura de mundo e considerando este pressuposto, o trabalho apresenta as canções de Chico Buarque como recursos para ler, interpretar e cartografar o mundo. As letras das canções de Chico Buarque proporcionam possibilidades de leitura do conjunto de experiências que orientam o comportamento do sujeito no mundo, são poesia em essência, e configuram-se como manifestação da arte de compor com palavras textos poéticos. O artista sem primar da objetividade alcança outra forma de dizer a realidade (outra linguagem), que atinge traços essenciais. E deste encontro entre a Geografia, Chico Buarque, o ensino e a cartografia resulta uma proposta orientada para o trabalho com diferentes linguagens e a ampliação do repertório cultural compreendido como a valorização das manifestações culturais e artísticas.

**Palavras-chave:** Geografia; ensino; linguagem.

### **A world of geographical approaches with the production of Chico Buarque: music, language and geospatial thinking**

**Abstract:** The article discusses the power of Chico Buarque's music for a geographic reading of the daily life from the place, the landscape and the world. The assumptions of the present essay rest on the idea that effective teaching is one that fulfills the function of forming a citizen and develops in the student the critical capacity to have free, ethical and responsible thinking. Geographical education has the task of providing a world reading. Considering this assumption of contributing to a world reading the work presents the songs of Chico Buarque as resources to read, interpret and map the world. The lyrics of Chico Buarque's songs provide possibilities for reading the set of experiences that guide the behavior of the subject in the world, are poetry in essence, and are configured as a manifestation of the art of composing with words poetic texts. The artist without giving up objectivity reaches another way of saying reality (another language), which reaches essential features. And from this meeting between Geography, Chico Buarque, teaching and cartography results a proposal oriented to the work with different languages and the extension of the cultural repertoire understood as the valorization of cultural and artistic manifestations.

**Keywords:** Geography; teaching; language.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins – UFT, e-mail: carolinamachado@uft.edu.br

## Introdução

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos mesmo de superfície ou volume reduzido [...] é ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 214).

Investigar o mundo do presente impõe um desafio inicial que é delimitar o presente ou que entendemos por presente. Segundo Santos (2008a, p. 115) “Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona.”

Neste trabalho o presente é compreendido como o momento e o fragmento da vida que teve início num importante momento da história da humanidade que foi o século XX, ou, a passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo (KUMAR, 1997).

O presente trabalho objetiva-se em refletir sobre as aproximações das canções de Chico Buarque com a Geografia e apresentar uma leitura geográfica de mundo a partir da dimensão da linguagem assumida pela cartografia com as canções de Chico Buarque.

O século XX é o grande marco da história recente e não somente pela mudança da sociedade de consumo, mas também pela importante transformação que ocorreu pós década de 1980 com as redes de computadores e a revolução cibernética (SANTOS, 2001) e o advento das técnicas. A década de 1980 também é marcada por alguns filósofos que identificam neste importante momento o início da consciência pós-moderna como faz Bauman (2002, 2008, 2009) e Harvey (2011) dentre outros que ressaltam a importância que as transformações sociais, políticas e econômicas trouxeram ao indivíduo e a sociedade.

O mundo é objeto de estudo de cientistas sociais e intelectuais desde há muito tempo que preocupados em compreendê-lo recortam e entrecortam temas e problemas.

Mas por onde começaremos a construir o processo de aprendizagem do edifício teórico-conceitual sobre o mundo? A epígrafe deste texto nos indica um caminho: buscando o significado do mundo, sua definição e funcionalidade a partir da consciência da época em que vivemos.

Para tanto iniciaremos com as definições de Abbagnano (2003) que entende por mundo a totalidade das coisas existentes, qualquer que seja o significado de existência. Para Aristóteles o mundo é a constituição ou estrutura da totalidade (sua ordem) e que tal constituição ou estrutura

permanece a mesma a menos que suas partes se disponham diferentemente. Isso equivale a definir o mundo como a ordem imutável do Universo.

O mundo para Heidegger (2005) é entendido como campo constituído pelas relações do homem com as coisas e com os outros homens. O termo ser-no-mundo, conceito desenvolvido por Heidegger (2005) designa o modo de ser do homem “situado no meio do ente e relacionando-se com ele” (ABBAGNANO, 2003, p. 779).

O Mundo da Vida (Lebenswelt) termo introduzido por Husserl em sua obra *Krisis* foi utilizado para designar “o mundo em que vivemos intuitivamente, com suas realidades, do modo como se dão primeiramente na experiência simples e depois também nos modos em que sua validade se torna oscilante.” (ABBAGNANO, 2003, p. 801)

O mundo “é mistério da vida é forte emoção (...) é sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece esta sensação ou não pode experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos se cegaram.” (EINSTEIN, 1981, p. 12).

No início do terceiro capítulo de 'Ser e Tempo' Heidegger (2005) mostra como o conceito de "mundo" não tem sido tomado como um atributo da existência (mundanidade), e sim enquanto objeto.

A razão atribuída a esta desarticulação homem-mundo é precisamente a imagem ontológica que se tem do mundo e sobre a qual o homem se posiciona como sendo distintas, e faz com que o mundo se torne um instrumento. Como resultado a compreensão do mundo padece de reflexão.

Para os existencialistas em termos filosóficos todo objeto tem uma existência, um sentido e uma essência. E essa essência é o próprio sentido. (SARTRE, 2002)

A verdadeira tarefa da filosofia segundo Husserl (1990) não é tanto alcançar um conhecimento abstrato dos objetos, mas estabelecer uma relação de trabalho com o nosso mundo.

A experiência direta do mundo, afirma Heidegger (2008) em sintonia com o conceito aristotélico de práxis, é a fonte direta do conhecimento.

Se a reflexão sobre o mundo é baseado na singularidade da realidade vivida pelo indivíduo, e até mesmo sobre as múltiplas experiências, a questão fenomenológica do mundo é, em todo caso, intocada. A atividade tem por questão característica fenomenológica os méritos abordados de forma responsável, e a responsabilidade recai na construção ou na busca pela construção de uma

ciência autêntica, a única que poderia segundo Husserl (1990) ser entendida como uma ciência rigorosa.

Os estudos de Merleau-Ponty (1999) contêm uma filosofia viva em movimento e seus textos se assemelham ao prazer da descoberta das coisas novas e belas do mundo “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14).

Considerando as aproximações filosóficas edificadas, a ideia de mundo assume neste trabalho o significado do conjunto de relações entre o homem e os outros seres, a totalidade de um campo de relações. O mundo não é uma alteridade, o mundo é vida. O mundo é uma subjetividade, se não existíssemos não haveria mundo. O mundo é criação humana. O mundo acontece no instante, na fração da vida, e por esta razão é que o mundo e o lugar se encontram, o mundo está no local. Quando terminar a vida humana, acaba o mundo.

Normalmente, atribuímos existência aos espaços e às coisas, mas na realidade, sem nós, elas não existiriam. Pensar um espaço como existente, significa pensar em si próprio.

Infelizmente, na exigência da objetividade, acabamos por abstrair os espaços, as coisas e, conseqüentemente, nossa própria existência.

Marcel (1955, p. 45) afirmou que “quanto mais eu acentuar a objetividade das coisas, cortando o cordão umbilical que liga à minha existência, mais convertereis este mundo num espetáculo sentido como ilusório”.

Vivemos atualmente um mundo recheado de medos, inseguranças, angústias, incertezas, instabilidades e as características do mundo que também são do próprio ser, não permitem pensar em harmonia no mundo, em sustentabilidade do mundo (BAUMAN, 2008).

Ao pensar sobre o mundo a investigação vai aos poucos procurando os caminhos da pesquisa de Eric Dardel (2011) quando compreende a Geografia como ciência interessada em entender o homem no mundo circundante. A Geografia tem mostrado cada dia mais sua importância e sua contribuição para a delicada questão de desvendar o horizonte da vida humana no presente, no mundo, nas relações com o lugar e com o global, na contemporaneidade.

As transformações vividas pelo mundo e pela sociedade no breve século XX tiveram enormes conseqüências na vida e no mundo do presente conforme apresentou Hobsbawn (1995).

As duas últimas décadas do século XX foram marcadas pela fragmentação do território e o mundo assumiu desde então uma característica que persiste até o presente: vivemos um período de enorme concentração de poder e o centro do mundo já não é mais o homem e sim o dinheiro, vivemos a perversidade das empresas globais e do capital em estágio avançado (SANTOS, 1997).

Para Bauman (2002) as mudanças ocorridas neste mesmo período foram tão rápidas que não sabemos ao certo se vivemos um período de transição ou se realmente essas mudanças marcam um novo momento da História que vai perdurar por séculos. O fato é vivemos um presente em constante mudança, seja para uma nova forma de vida seja para uma nova ordem social.

### **Mundo, lugar e pensamento geoespacial**

Os pressupostos do presente artigo sustentam-se na ideia de que um ensino eficaz é aquele que cumpre com a função escolar na formação de um cidadão e desenvolve com o estudante a capacidade crítica que lhe permita ter um pensamento livre, ético e responsável para uma ação autônoma. O cumprimento da função escolar se assenta essencialmente nos processos de aprendizagem em que o estudante é capaz de construir seus conceitos (CAVALCANTI, 2005).

A educação geográfica tem a tarefa, dentre outras funções, objetivos e metas, de proporcionar uma leitura de mundo:

Consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania. Queremos tratar aqui sobre qual a possibilidade de aprender a ler, aprendendo a ler o mundo; e escrever, aprendendo a escrever o mundo. Para tanto, buscamos refletir sobre o papel da geografia na escola, em especial no ensino fundamental, no momento do processo de alfabetização (CALLAI, 2005, p. 228).

Nesta perspectiva a educação geográfica é orientada e comprometida em desenvolver com os estudantes um pensamento geoespacial próprio da disciplina, isto é, problemas espaciais em um contexto geográfico (DUARTE, 2017).

A ideia de pensamento espacial ganha sentido como recorte do campo extremamente amplo do pensamento espacial. Interessa em especial para a educação geográfica aquelas facetas do pensamento espacial que levam à compreensão da espacialidade dos fenômenos e processos sociais (DUARTE, 2017, p. 50).

Diante deste cenário a função da educação geográfica na escola é desenvolver o pensamento geoespacial, isto é, pensar a realidade geograficamente e despertar uma consciência espacial.

Mais do que reproduzir dados, dominar classificações, identificar símbolos ou conseguir realizar diferenciações, a educação geográfica está formando estudantes para a vida, num mundo com tão rápidas transformações e tantas contradições. Segundo os PCNEM (2000, p. 09) compreender o mundo atual, significa saber se informar, se comunicar, argumentar, compreender e agir, enfrentar problemas de qualquer natureza, participar socialmente, de forma prática e solidária, ser capaz de elaborar críticas ou propostas e, especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado.

Tal formação exige um método de ensino no qual o estudante tenha condições efetivas de comunicação, argumentação, resolução de problemas, participação social e cidadã, de modo a saber propor e fazer escolhas.

O uso de diferentes linguagens no ensino pode contribuir no processo de desenvolvimento do pensamento geoespacial uma vez que pode ampliar e fornecer, na formação dos estudantes, uma leitura geográfica mais coadunada com a dinâmica espacial.

O pensamento espacial é a maneira pela qual nos orientamos e concebemos o espaço geográfico que nos circunda. O desenvolvimento dessa habilidade é imprescindível na resolução de problemas, tanto aqueles do cotidiano como os mais complexos. Souza (2011, p. 69) aponta que

a construção do pensamento espacial decorre de processos epistêmicos próprios da didática da Geografia, que, por sua vez, se fundamentam com base nas teorias e metodologias próprias da Geografia, da Filosofia, da Psicologia e da Educação. Isso significa que a noção de Geografia como ciência que compreende a produção do espaço, a noção de mediação da psicologia histórico-cultural de Vygotski e a noção de retificação do erro da filosofia bachelardiana são os fundamentos para um pensamento espacial crítico.

O pensamento geoespacial está profundamente ligado com a estrutura do pensamento espacial como um todo e desempenha um papel fundamental no curso da vida dos estudantes e na formação. De acordo com Duarte (2017)

existe uma forma de pensar que é particular à Geografia e de que cabe à versão escolar da disciplina desenvolver esse tipo de cognição entre os estudantes que freqüentam o ensino básico. (...) pensar geograficamente envolve, em grande medida pensar espacialmente com o suporte da linguagem cartográfica e que essa deve ser uma das principais preocupações teórico-metodológicas da Didática aplicada à Geografia ensinada na escola básica (DUARTE, 2017, p. 31).

Segundo Castellar (2005, p. 220) “pensar pedagogicamente os saberes geográficos numa perspectiva metodológica e significativa para os alunos, implica desenvolver ações que reestruturem os conteúdos, inovem os procedimentos e estabeleçam com clareza os objetivos.”

E nesta perspectiva diferentes linguagens são bem-vindas, pois ampliam e constroem novas oportunidades cognitivas (CELY RODRÍGUEZ; MORENO LACHE, 2006).

As letras das canções de Chico Buarque se apresentam como possibilidades de leitura do conjunto de experiências que orientam o comportamento do sujeito no mundo. As letras das canções de Chico Buarque são poesia em essência, manifestações da arte de compor com palavras textos poéticos. O artista sem primar da objetividade alcança outra forma de dizer a realidade (outra linguagem), que atinge traços essenciais.

As relações dos sujeitos com o mundo são construídas através dos sentidos e estímulos que recebemos (CAZNOK, 2008). A letra da canção de uma música tece um trabalho de construção e percepção do mundo e do lugar e, por isso, revela geografias, o que permite trabalhar o desenvolvimento do pensamento geoespacial no ensino.

Sentido não é uma experiência da vista ou da audição, é uma visão, e, uma escuta do mundo, e, isso implica coexistência e comunhão. A sensação e o sentir são uma modalidade da existência e não podem, por isso, se separar do mundo. No sentir não há diferença entre sensação e percepção (CAZNOK, 2008, p. 127).

Segundo Scarlato e Pontin (1999, p. 54) “nossa relação com o mundo ultrapassa as operações racionais da mente. Ela é também emoção e somatório de sentimentos: [...] visão, tato, olfato e audição são outros sentidos que nos colocam em contato com o mundo”.

O mundo que a letra da canção de Chico Buarque revela são caminhos e possibilidades de acessar uma consciência a partir da leitura de Merleau-Ponty (2004). A consciência em Merleau-Ponty (2004) nasce da percepção do mundo (e nas relações mundo-lugar), uma percepção orientada pela linguagem, pela cultura e pela ciência que juntas revelam uma concepção de mundo. Assim a linguagem adquire contornos mais amplos.

Muito mais do que um meio, a linguagem é algo como um ser, e é por isso que consegue tão bem tornar alguém presente para nós: a palavra de um amigo no telefone nós dá ele próprio como se estivesse inteiro nessa maneira de interpelar e de despedir-se, de começar e terminar as frases, de caminhar pelas coisas não-ditas. (...) o sentido é o movimento total da palavra, e é por isso que nosso pensamento demora-se na linguagem. Por isso também a transpõe como o gesto ultrapassa os seus pontos de passagem. No próprio momento em que a linguagem enche nossa mente até as bordas, sem deixar o menor espaço para um

pensamento que não esteja preso em sua vibração, e exatamente na medida em que nos abandonamos a ela, a linguagem vai além dos 'signos' rumo ao sentido deles. E nada mais no separa desse sentido (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 71).

Engana-se quem imagina que a linguagem é mera produção de sons. A linguagem é um dos elementos da cultura, revestida de fragmentos que lhe confere um todo elaborado e rico para compreender o lugar, o mundo e ler o presente. A linguagem é matéria-prima da cartografia uma vez compreendida como fragmento de leitura do mundo.

### **Linguagem, cartografia e música**

Sobre a leitura de mundo geo(carto)gráfica e o papel da Geografia na escola, Callai (2005) reflete que

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (CALLAI, 2005, p. 228).

As composições de Chico Buarque dialogam intimamente com o pensar sobre o mundo e sobre a relação do sujeito com o mundo. Muitos temas como o samba, o morro, a cidade, o malandro, a imigração, a questão agrária ou a luta pela terra são recorrentes em sua obra e revelam o mundo. As letras de suas canções apresentam não somente uma mirada sobre esses temas sociais, mas também influenciam a maneira como nos relacionamos com o mundo. Desta forma, geografias de mundo reveladas nas letras das canções podem ser observadas pela escolha de temas e revelam uma cartografia própria da canção que pode ser relacionada com o trabalho de letramento geográfico, compreendido a luz de Castellar e Moraes (2010, p. 25) "como ponto de partida para estimular o raciocínio espacial dos alunos, articulando a realidade com os objetos e os fenômenos que querem representar."

A música pode fornecer elementos de uma narrativa e fenômenos do presente que ao ser trabalho com conteúdos e conceitos emolduram uma cartografia. Assumimos a cartografia compreendida como linguagem e metodologia para a construção do conhecimento geográfico e do pensamento geoespacial.



A cartografia, então, é considerada uma linguagem, um sistema-código de comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em geografia, articulando fatos, conceitos e sistemas conceituais que permitem ler e escrever as características do território. Nesse contexto, ela é uma opção metodológica, o que implica utilizá-la em todos os conteúdos da geografia, para identificar e conhecer não apenas a localização dos países, mas entender as relações entre eles, compreender os conflitos e a ocupação do espaço (CASTELLAR, 2005, p. 216).

O lugar se estabelece a partir das sensações do sujeito e para Merleau-Ponty (1999, p. 285) “o sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em certo meio de existência ou se sincroniza com ele.” Casnok (2008, p. 127) complementa que “a sensação não corre o risco de ser tomada como expressão do subjetivismo, pois não fecha o ser nela mesma – ela o coloca no mundo e traz consigo o conceito de intencionalidade da consciência”. A canção possui uma potência para dialogar com as questões do presente, próprias dos estudantes, do lugar e também da relação com o mundo. A canção concebida como linguagem para a educação geográfica pode proporcionar ler o mundo e situar o lugar do estudante no pensamento geoespacial, construindo uma trama de significados acompanhada pela construção de conceitos. Segundo Castellar (2017, p. 210) “O pensamento espacial é complexo, requer observar, comparar, relacionar, analisar, argumentar e elaborar crítica”.

A música pode permitir uma associação temporal e também espacial, uma vez que marca diferentes tempos, como marca também diferentes lugares. Ela cria lugares na medida em que imprime ao espaço as características das relações, relações essas compreendidas enquanto tradições e heranças culturais. Segundo Santos (2009, p. 43) as rugosidades “não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas” e o mesmo ocorre com a música.

Assim como há músicas que são associadas a lugares, há lugares que são construídos por músicas, e ambos podem ser cartografados a partir das narrativas das canções.

Enquanto a música é compreendida como a arte de combinar sons de modo agradável aos sentidos, a canção é uma composição musical para a voz humana, ou uma composição escrita para musicar um poema ou trecho literário em prosa, segundo Tatit (2002).

## A cartografia em Chico Buarque: os entrelaces do cotidiano e da paisagem no lugar e no mundo

A reflexão sobre a potência geo(carto)gráfica de leitura do mundo a partir das letras das canções de Chico Buarque, assume o pensamento geoespacial como objetivo da educação geográfica e parte da canção como linguagem portadora, do sentido e das relações que se estabelecem com/no lugar e mundo.

A primeira categoria que emerge nessa reflexão é a paisagem. E talvez esta relação mais direta ocorra por que a narrativa de Chico Buarque permite criar e pensar sobre uma imagem conforme a canção é lida, sentida e escutada.

A paisagem segundo Santos (2008b) é formada pelos fatos do passado e do presente e a compreensão da organização espacial *“bem como sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo.”* (SANTOS, 2008b, p.68)

Uma aproximação sobre a relação paisagem e imagem está presente no trabalho de Hissa (2002) que organiza uma vigorosa reflexão sobre a imaginação, a imagem e a representação.

A imagem não é o que está fora do sujeito que interpreta e critica. A imagem já é produto processado, antes mesmo de adquirir materialidade na expressão. E, além disso, imagens são representações criadas, através de metáforas, analogias e conexões que percorrem e produzem textos e, enfim adquirem sua representação escrita. Pode-se refletir sobre os textos e sobre todas as formas de expressão: não são apenas imagens; além disso, estimulam a multiplicação de representações e de leituras: a representação da representação, a leitura sobre leitura, o olhar sobre o olhar que lê, vê e recria (HISSA, 2002, p. 116).

A imaginação cria e recria imagens e paisagens para refletir sobre as formas de expressão da arte. A paisagem para Dardel (2011, p. 30) *“muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos”*.

Para continuar a reflexão vejamos a letra da canção ***Feijoada Completa*** composição de Chico Buarque de 1977. Esta canção foi encomendada pelo diretor Hugo Carvana para o filme *Se segura, malandro* uma comédia nacional lançada em 1978 que retratava o cotidiano e os costumes do Brasil. O diretor Hugo Carvana já havia lançado em 1973 o filme *Vai trabalhar vagabundo* que também contou com canções de Chico Buarque (HOMEM, 2009, p. 159).

### **Feijoadá completa (Chico Buarque – 1977)**

Mulher

Você vai gostar

Tô levando uns amigos pra conversar

Eles vão com uma fome que nem me contem

Eles vão com uma sede de anteontem

Salta cerveja estupidamente gelada prum batalhão

E vamos botar água no feijão

Mulher

Não vá se afobar

Não tem que pôr a mesa, nem dá lugar

Ponha os pratos no chão, e o chão tá posto

E prepare as linguças pro tira-gosto

Uca, açúcar, cumbuca de gelo e limão

E vamos botar água no feijão

Mulher

Você vai fritar

Um montão de torresmo pra acompanhar

Arroz branco, farofa e a malagueta

A laranja-baía ou da seleta

Joga o paio, carne-seca, toucinho no caldeirão

E vamos botar água no feijão

Mulher

Depois de salgar

Faça um bom refogado, que é pra engrossar

Aproveite a gordura da frigideira

Pra melhor temperar a couve mineira

Diz que tá dura, pendura a fatura no nosso irmão

E vamos botar água no feijão

A paisagem não é geográfica em sua essência. A paisagem torna-se geográfica a partir da reflexão.

Nas palavras de Dardel (2011, p. 31) *“a paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar”*.

É imanente à paisagem a relação homem-natureza (MONTEIRO, 2008) ou os sistemas de objetos e ações (SANTOS, 2009) ou ainda o envolvimento do homem e a terra (DARDEL, 2011) para qualquer caminho escolhido estão presentes e se articulam num movimento *devir* o tempo e o espaço – o homem e a natureza.

Na canção *Feijoada Completa* a paisagem aos poucos ganha moldura geo(carto)gráfica. A imagem do cotidiano com os elementos presentes na canção podem ser cartografados a partir de diferentes perspectivas. O cotidiano de uma casa, as relações de amizade, um Brasil trabalhador com pouco dinheiro, a cozinha como centro da casa, a comida apimentada, um casamento tranquilo, um dia quente pra cerveja, um cotidiano que transpira na paisagem da letra da canção. Todos esses elementos são preenchidos na cartografia da paisagem conforme a letra da canção é lida.

O nome da canção e o contexto configuram uma receita culinária tipicamente brasileira e não por acaso a letra da canção retrata o cotidiano.

A canção *Feijoada Completa* é formada por fatos do passado e do presente que no desenvolvimento da narrativa apresentam uma organização espacial da festa e do preparo da feijoada que acabam por caracterizar o cotidiano ou permitir *imagear* o cotidiano. Imagear o espaço e grafar-espaço têm o sentido proposto por Oliveira Jr. (2009, p. 24) “*criar uma imagem do espaço é grafar um pensamento espacial, uma geo-grafia.*”

A música, assim como outras manifestações artísticas como a pintura, a fotografia e o desenho oportunizam através da arte uma grafia espacial. Mas uma advertência é fundamental: paisagem, espaço e mapa não são sinônimos “*a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima*” (SANTOS, 2008, p. 103). E mapa na compreensão de Richter (2011).

O mapa é um instrumento de comunicação, de linguagem e de representação que faz parte da vida do ser humano desde que o mesmo, em suas comunidades e organizações mais remotas, identificou a importância de “desenhar” o espaço vivido. (...) Contudo, o uso do mapa esteve, muitas vezes, atrelado às concepções mais cartesianas, que, de certa forma, restringiram sua participação nas atividades escolares, seja por meio da cópia de mapas, fato que consideramos um problema, ou apenas da sua leitura/visualização como recurso colaborador dos conteúdos geográficos (RICHTER, 2011, p. 17).

Mas o espaço não é visto, o que vemos é paisagem e o que se cartografa assume as feições do mapa. A Geografia é uma ciência dotada da capacidade de lidar, estudar e explicar a totalidade em movimento e deve refletir sobre como e porque as pessoas usam o território, percebem a paisagem e deslocamento no espaço.

O espaço modifica e é modificado pelas relações. Da mesma maneira ocorre com as aproximações do tempo e do espaço que são incorporados na obra de Milton Santos a partir do conceito de rugosidades.

As rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas. A diferença entre rugosidades e *reverse salient* vem, neste último caso, do caráter quase absoluto do valor em si. O valor de um dado elemento do espaço, seja ele o objeto técnico mais concreto ou mais performante, é dado pelo conjunto da sociedade, e se exprime através da realidade do espaço que se encaixou (SANTOS, 2009, p. 43).

A paisagem é feita de rugosidades e o território por sua vez às revelam. Kotic (1969) afirma que a obra de arte exprime o mundo, enquanto o cria e em analogia podemos afirmar que para Santos (2008) as rugosidades são as Geografias que a arte cria. Em realidade nenhuma dessas três categorias (paisagem, território e rugosidades) existem separadamente e apenas a sua utilização combinada pode restituir a totalidade em movimento *“nós não mudaremos o mundo, mas podemos mudar o modo de vê-lo. Isto é importante porque só assim poderemos escapar ao dogmatismo epistemológico e marcar um encontro com o futuro”* (SANTOS, 1997, p. 39).

A descrição já não é suficiente para explicar o mundo porque o tempo muda o mundo a todo instante. O cotidiano assume importância à medida que compreendemos que para estudar e compreender o lugar – enquanto espaço do acontecer solidário – é preciso estudar e compreender o cotidiano. O cotidiano é o evento que transforma o lugar. A feijoada sendo preparada transforma o espaço do acontecer, e é em si a essência do evento. E ao transformar o lugar imprime características sociogeográficas que irão compor as rugosidades deste espaço. Por esta razão paisagem, território e cotidiano somados configuram as rugosidades do lugar que por sua vez são as características socioterritoriais ou sociogeográficas do espaço enquanto totalidade geográfica.

Chico Buarque compôs em 1971 a música (melodia e letra) *Cotidiano*. A letra da canção apresenta o retrato das rugosidades do lugar. O espaço do acontecer transpira na letra da canção e é recheado de marcas que conferem características socioterritoriais e sociogeográficas ao cotidiano do casal personagem na letra da canção.

#### **Cotidiano** (Chico Buarque 1971)

Todo dia ela faz tudo sempre igual:  
Me sacode às seis horas da manhã,  
Me sorri um sorriso pontual,

E me beija com a boca de hortelã.

Todo dia ela diz que é pr'eu me cuidar  
E essas coisas que diz toda mulher.  
Diz que está me esperando pr'o jantar  
E me beija com a boca de café.

Todo dia eu só penso em poder parar;  
Meio-dia eu só penso em dizer não,  
Depois penso na vida pra levar  
E me calo com a boca de feijão.

Seis da tarde, como era de se esperar,  
Ela pega e me espera no portão  
Diz que está muito louca pra beijar  
E me beija com a boca de paixão.

Toda noite ela diz pr'eu não me afastar;  
Meia-noite ela jura eterno amor  
E me aperta pr'eu quase sufocar  
E me morde com a boca de pavor.

Todo dia ela faz tudo sempre igual:  
Me sacode às seis horas da manhã,  
Me sorri um sorriso pontual  
E me beija com a boca de hortelã.

Todo dia ela diz que é pr'eu me cuidar  
E essas coisas que diz toda mulher.  
Diz que está me esperando pr'o jantar  
E me beija com a boca de café.

Todo dia eu só penso em poder parar;  
Meio-dia eu só penso em dizer não,  
Depois penso na vida pra levar  
E me calo com a boca de feijão.

Seis da tarde, como era de se esperar,  
Ela pega e me espera no portão  
Diz que está muito louca pra beijar  
E me beija com a boca de paixão.

Toda noite ela diz pr'eu não me afastar;  
Meia-noite ela jura eterno amor  
E me aperta pr'eu quase sufocar  
E me morde com a boca de pavor.

Todo dia ela faz tudo sempre igual:  
Me sacode às seis horas da manhã,

Me sorri um sorriso pontual  
E me beija com a boca de hortelã.

A definição que assumimos sobre o cotidiano

é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2003, p. 23).

A opressão do presente da conceituação de cotidiano de Certeau, Giard & Mayol (2003) está presente do começo ao fim na letra da canção *Cotidiano* de Chico Buarque *“todo dia a mesma coisa”* a angústia do personagem na letra da canção *“penso em dizer não e depois penso na vida pra levar”*. Todo dia é marcado pela rotina, pelo peso da vida difícil de viver, a fadiga da vida, mas também é marcado pelo desejo, pelos atos assumidos ao acordar. A canção de Chico Buarque expressa a compreensão de cotidiano com as temporalidades do dia-a-dia da vida vivida.

Certeau, Giard & Mayol (2003) aponta que a cultura e o cotidiano constituem-se como instâncias de mediações em que se produz o sentido. O cotidiano manifestado na letra da canção *Cotidiano* de Chico Buarque apresenta-se como dimensão capaz de conferir novos sentidos à vida dos sujeitos. Perceber o cotidiano ou ler o cotidiano segundo Certeau, Giard & Mayol (2003, p. 41) *“está ligado às tradições, preocupações e expectativas da vida prática, incorporando-se, muitas vezes, a ela nas discussões familiares, alterando valores e comportamentos.”*

É no cotidiano que a vida acontece e o mundo se revela. E a canção pode ser produtora de cartografias de lugar, mundo, e cotidiano.

### **Considerações Finais**

No ensino de Geografia, os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico, que são resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para a formação do aluno (CAVALCANTI, 2005). As propostas mais recentes desse ensino são pautadas na necessidade de trabalhar com os conteúdos escolares sistematizados de forma crítica, criativa, questionadora, buscando favorecer sua interação e seu confronto com outros saberes (CASTELLAR e MORAES, 2010).

A escola é, nessa linha de entendimento, um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos (CAVALCANTI, 2005). A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, compreende a geografia escolar como uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem.

Na escola, portanto, o ensino das diferentes matérias escolares, a metodologia e os procedimentos devem ser pensados em razão da cultura dos alunos, da cultura escolar, do saber sistematizado e em razão, ainda, da cultura da escola.

Nesse sentido, ensinar geografia é abrir espaço na sala de aula para o trabalho com os diferentes saberes dos agentes do processo de ensino – alunos e professores.

As letras das canções de Chico Buarque se apresentam como possibilidades de leitura do conjunto de experiências que pode se constituir como recurso pedagógico para ler o mundo, o lugar e o cotidiano e com isso promover uma cartografia a partir das narrativas das canções.

As canções de Chico Buarque são portadores de sentidos geográficos que convergem com a preocupação com o presente que temos atualmente. São canções que marcam o tempo e o espaço, exprimem as relações próprias do momento e podem ser trabalhadas a partir da cartografia e do ato de imagear.

A interpretação das canções permite operar em outras dimensões relacionadas às habilidades e competências do que se espera para a educação básica em geral. Uma das competências gerais apontadas pela BNCC (2017) é a ampliação do repertório cultural compreendido como a valorização das manifestações culturais e artísticas. Pensar e propor atividades a partir da produção artística cultural brasileira em geral oportuniza ao professor e principalmente ao aluno o contato com a música brasileira: conhecer, sentir e refletir sobre uma gama variada de elementos que vão desde o artista até a própria canção. A música como recurso pode estimular o aluno, tornando o processo ensino-aprendizagem, em Geografia, mais significativo.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidad líquida**. Trad. Mirta Rosenberg. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2002.



\_\_\_\_\_. **Medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Confiança e medo na cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BUARQUE, Chico. **Chico e as cidades**. Direção José Henrique Fonseca. Rio de Janeiro: Conspiração Filmes, 2000. 1 DVD (77 min).

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos Anos Iniciais do ensino fundamental. **Revista Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf> Acesso em 01 de maio de 2018.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 09 jan 2018.

\_\_\_\_\_. Cartografia escolar e o pensamento espacial: fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 207-232, jan./jun., 2017. Disponível em <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo> Acesso em 09 de jan 2018.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; MORAES, Jerusa Vilhena. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, Mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 09 jan 2018.

CAZNOK, Yara. B. **Música: entre o audível e o visível**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2008.

CELY RODRÍGUEZ, Alexander; MORENO LACHE, Nubia. La Literatura: una estrategia para la enseñanza y comprensión de la geografía en la escuela. **Geoenseñanza**, Vol. 11, Núm. 2, julio-diciembre, p. 249-260, 2006. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36012425011> Acesso em 09 jan 2018.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar. 5 ed. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2003.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUARTE, Ronaldo Goulart. A cartografia escolar e o pensamento (geo)espacial: alicerces da educação geográfica. In. ASCENÇÃO, V. O. R; VALADÃO, R. C. DEL GAUDIO, R. S.; SOUZA, C. J. O. (orgs.) **Conhecimentos da Geografia: percursos de formação docente e práticas na educação básica**. Belo Horizonte: IGC, 2017. (p. 28-52)

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Trad. H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Trad. Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. 21 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Parte I. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

HISSA, Cássio Eduardo Viana.. A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HOMEM, Wagner. **Histórias de canções**: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009.

HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSIC, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. Célia Neves & Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARCEL, Gabriel. Da recusa à invocação. In: FOULQUIÉ, Paul. **O existencialismo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1955.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Conversas 1948**. Trad. Fabio Landa & Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Geografia sempre**: o homem e seus mundos. Campinas: Territorial, 2008.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. Revista **Pro-Posições**, 2009, vol.20, n.3, pp.17-28. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_isoref&pid=S0103-73072009000300002&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S0103-73072009000300002&lng=en&tlng=pt) Acesso em 01 de fev 2018

PCNEN. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (ENSINO MÉDIO). Parte IV - Ciências Humanas e suas Tecnologias. Coordenador de Área Avelino Romero Simões Pereira. 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf> Acesso em 09 jan 2018.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. **Geografias de mundo reveladas nas canções de Chico Buarque**. Palmas: EdUFT, 2016.

RICHTER, D. O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2009.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética**. Tomo I: Teoria dos Conjuntos Práticos. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SCARLATO, Francisco. Capuano; PONTIN, Joel. A. **O ambiente urbano**. 3 ed. São Paulo: Atual, 1999.

SOUZA, Vanilton Camilo de. Construção do pensamento espacial crítico: o papel da leitura e da escrita no ensino de Geografia. **Revista Anekumene**. n. 2, p. 68-78, 2011. Disponível em <http://www.anekumene.com/index.php/revista> Acesso em 09 jan 2018.

TATIT, Luiz A. de M. **O cancionista**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2002.